

10-2017

Visita às comunidades espiritanas em angola: País em reconstrução à margem da miséria?

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Visita às comunidades espiritanas em angola: País em reconstrução à margem da miséria?. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/90>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

VISITA ÀS COMUNIDADES ESPIRITANAS EM ANGOLA **PAÍS EM RECONSTRUÇÃO À MARGEM DA MISÉRIA?**

Concluí no Domingo de Páscoa uma visita a Angola iniciada no I Domingo da Quaresma. Ainda estão nos meus ouvidos os cantos de louvor e de alegria com que as comunidades da paróquia do Prenda, na periferia pobre de Luanda, proclamavam aleluias à Ressurreição do Senhor. Ainda vejo diante de mim aquelas multidões, de gente muito jovem e sobretudo mulheres, que se regozijam no Senhor, apesar do meio ambiente pobre, degradado e até insalubre onde vivem. Ainda sinto e percebo que estas comunidades, embora debatendo-se com falta de espaço e instalações apropriadas, são comunidades criativas, que aproveitam bem o espaço que têm e sobretudo desenvolvem ministérios e serviços variados que tornam a vida da comunidade bem organizada e as acções litúrgicas mais serenas e ordenadas. Para além dos acólitos, há os leitores, os cantores, os catequistas, os anunciadores e até os responsáveis do acolhimento que não só estão atentos a quem chega, mas também procuram ajudar crianças e algum mais distraído a manter o espírito próprio à celebração, fervorosa e festiva, da liturgia.

Mas além destes grupos, devidamente identificados, há também no meio da assembleia muitas pessoas, em uniforme colorido, segundo o movimento apostólico ou grupo de oração a que pertencem. O colorido rico da assembleia é sinal evidente da riqueza de serviços e ministérios que estas comunidades suscitam e fomentam, para juntamente com os missionários que as animam, constituírem a Igreja de Jesus Cristo: uma Igreja serva, pobre mas muito ministerial e carismática, como a Igreja primitiva, ousaria dizer.

Um país em reconstrução, à margem da miséria?

Nunca tinha visitado Angola, mas pelo que vi tive a clara sensação que Angola está a renascer, pouco a pouco, do estado degradado em que a guerra a prostrou. Um pouco por todo o lado se vêem sinais claros de reconstrução em estradas, edifícios, escolas, centros de saúde, etc mas tudo

o que se vê parece muito pouco como resposta às grandes necessidades da maioria da população. Até porque os primeiros edifícios a ressurgir são, na maioria dos casos que vi, edifícios da administração local e seus administradores ou então de grandes empresas que exploram as maiores riquezas de Angola: o petróleo e os diamantes. O povo que vive e é originário dos locais onde se exploram estas riquezas não beneficia em nada do produto da sua terra. Às vezes até se dá o contrário. No Lukapa, Lunda, por exemplo, o povo sofre ainda mais por aquilo ser terra de diamantes. Para além dos preços altíssimos a que chegam lá as coisas, mesmo bens de primeira necessidade, porque transportadas de avião, não há melhores condições de saúde, educação ou emprego. Até os próprios habitantes tiveram muitas vezes que abandonar os seus campos por estarem integrados numa zona diamantífera da qual o governo fez concessão a alguma empresa. O P. Américo Sousa Alves, que eu visitei no Lukapa, sofre também com o povo as consequências do custo de vida que faz aumentar para o dobro o preço de qualquer artigo, seja uma bebida, um saco de arroz ou de cimento. Apesar disso é notória a igreja que o P. Américo ergueu e é sobretudo entusiasmante a vida das comunidades cristãs que ele assiste, com a colaboração das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

A reconstrução das estradas e do caminho de ferro que seria tão necessária para uma melhor circulação de bens e pessoas é aquilo que juntamente com a educação e a energia eléctrica, conduziria Angola a um verdadeiro desenvolvimento, defende o P. Loureiro, no Chinguar. Mas tal vai-se fazendo muito lentamente, e nem sempre envolvendo os Angolanos nesse processo. Vi muitos chineses, com quem o governo angolano fez contratos a troco de petróleo, a trabalhar nas estradas, com mão-de-obra própria, também vinda da China, em vez de empregar Angolanos.

A crise de cólera que vai passando de Luanda a outras províncias é bem um sinal como o desenvolvimento que se projecta não tem em linha de conta as primeiras necessidades da maioria das populações, no âmbito da habitação, saúde, higiene e educação básica. Os arranha-céus que se vêem subir em Luanda não conseguem esconder a miséria e dificuldades em que vivem tantos milhões de pessoas.

Uma Igreja ao serviço do povo

Neste país em reconstrução desequilibrada, há uma presença significativa que procura corrigir assimetrias e desigualdades. Trata-se da Igreja e dos seus agentes, particularmente dos missionários e missionárias. Estes homens e mulheres, em nome de Jesus Cristo, lançam, de novo, mãos à obra para, junto

das populações mais pobres, nas periferias de Luanda ou no interior do país, erguerem, pouco a pouco, estruturas de apoio social, sobretudo no âmbito da saúde e da educação. Trata-se na verdade de uma Igreja pobre e serva que põe os seus reduzidos meios ao serviço dos pobres, mas onde o espírito de serviço dos seus membros suplanta tal déficit. Gostei de ver o espírito de sacrifício e abnegação com que irmãs missionárias, irmãos e padres missionários se entregam dia após dia ao anúncio de Cristo sob esta forma de atenção à saúde do pobre e à educação de crianças que, de outro modo, não teriam tal oportunidade. Ao dizer isto tenho presente as várias missões que visitei: o exemplo dos Espiritanos, em cada uma das situações concretas em que vivem, juntamente com diversas congregações femininas: a dedicação das Irmãs Dominicanas do Rosário em Kalandula, o trabalho das Irmãs de S. José de Cluny no Andulo, no Bailundo e em Lândana, o testemunho das Irmãs Servas de Nossa Senhora de Fátima no bairro “Rocha Pinto” em Luanda, o empenho das Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus nos Dembos, os esforços de quem inicia das Irmãs Cooperadoras da Paróquia, no Cavaco, em Benguela, e a presença humilde das Irmãs do Imaculado Coração de Maria em Lukapa e Calonda.

Estas e muitas outras congregações são, em Angola, os braços de Cristo que amam e servem os irmãos mais pobres, mais desfavorecidos e carenciados. Graças a Deus muitas destas mãos e destes braços são já de angolanos porque as vocações à vida religiosa e sacerdotal vão aparecendo em resposta ao chamado que Deus faz aos jovens e ao qual eles vão respondendo. A nossa Congregação do Espírito Santo tem também cerca de 90 seminaristas, em várias etapas de formação, que vão aprofundando o chamamento de Deus e alimentam a esperança de Angola poder também enviar ainda mais missionários para fora. Esta consciência missionária, aliada ao suscitar de vocações são certamente um sinal bem evidente de uma Igreja adulta que realiza a sua vocação missionária, mesmo que tal dinamismo não esteja presente em todas as dioceses.

A Igreja em Angola, sobretudo em Luanda e arredores, depara-se com um desafio proveniente da proliferação de seitas e outras Igrejas, sobretudo da igreja do Reino de Deus. Com métodos por vezes agressivos e de tipo empresarial, vão-se instalando no meio dos bairros e levando atrás de si muitas pessoas, incluindo católicas, que buscam uma religião mais pragmática e favorável às suas necessidades imediatas. É um desafio que a Igreja não enjeita e ao qual procura responder com uma proximidade junto das pessoas e a proclamação da verdade de Jesus Cristo acima de tudo. Nos vários centros da Paróquia do Prenda, seja no centro Congeral onde o P. Geraldo trabalha ou no centro da Kamuchiva que o P. José Rocha ajudou a erguer, vi uma clara preocupação de estar perto das pessoas e de as ajudar a aprofundar a sua fé com formação e catequese bem organizada, exigente e continuada.

Presença espiritana: de entrega até ao fim.

Dos 74 Missionários Espiritanos em Angola, 53 são angolanos, 13 portugueses, dois franceses e os outros 6 um de cada país: Camarões, Congo, Escócia, Espanha, Irlanda e Nigéria. Dos Espiritanos portugueses, só o diácono Ricardo, ordenado no Bié no passado dia 12 de Março, tem menos de 65 anos. Todos os outros já vivem e trabalham em Angola desde antes a independência de Angola em Novembro de 1975, tendo passado por tempos difíceis que afectaram o seu trabalho, as estruturas das missões e até a sua saúde. Mas todos foram e são, pela sua presença continuada e persistente, um belo testemunho ao carisma Espiritano e à sua missão de presença junto dos pobres e pequenos. Pela sua presença tornaram-se como que baluartes a indicar que ainda hoje é esse o caminho da Missão, mesmo que actualmente seja mais difícil alguém permanecer 15, 30 ou mais anos no mesmo sítio e, por outro lado, se insista também numa presença fortalecida pelo testemunho de vários missionários vivendo em comunidade. Dando graças a Deus por ter encontrado nestes missionários Espiritanos portugueses um manancial de vida e de história de que a Congregação se pode orgulhar, gostaria de pedir a Deus que tal memória viva seja iluminadora do nosso presente em ordem a fazer da nossa entrega missionária uma doação total de cada um, no seu tempo e nas suas forças. Um P. Horácio, há mais de 50 anos em Benguela, tal como um P. Camboa há 43 anos em Cabinda ou um P. Mota há 42 nos Dembos ou um Irmão Acácio há 30 anos em Luanda ou um P. António Moreira há mais de 30 no Kuito, são exemplo, tal como todos os outros que visitei, de que a Missão não cansa e se faz da entrega generosa do dia a dia em nome de Jesus Cristo. E neste sentido gostaria de evocar o testemunho e presença do P. Afonso Moreira na Missão do Bailundo onde, no fim de 43 anos de entrega quotidiana, foi chamado a dar-se totalmente pelo dom do seu sangue e que os cristãos, longe da mente diabólica dos assassinos, vêem e admiram como um mártir da Missão, um Cristo que deu a vida, até ao fim, até à última gota do seu sangue, por eles, pelo povo a quem amou e serviu durante a maior parte da sua vida. Possamos nós, membros da Família Espiritana, missionários ao perto ou ao longe, na Europa ou na África, na América ou na Ásia, encontrar no exemplo de homens assim a força e a coragem para seguir Cristo mais radicalmente e nos deixarmos moldar pela força do Seu Espírito que nos torna “mais e melhor” Missionários do Espírito Santo que se dão... até ao fim!

P.S. Gostaria de agradecer às Comunidades que me acolheram e aos Espiritanos que me acompanharam durante este mês e meio em Angola. Sem eles, esta visita não era possível. Um obrigado especial nas pessoas do P. Lourenço Ndjimbu (Provincial) e Felisberto Sakulukusu (Ecónomo Provincial).

‘Ação Missionária’, maio de 2006, pp. 6 e 7.